

BENVENISTE E VYGOTSKY: DIÁLOGOS SOBRE LÍNGUA, LINGUAGEM E PENSAMENTO.

Ricardo Alves da Silva¹

RESUMO

Neste artigo, procuramos observar/analisar o processo da língua em interprete ação ao pensamento passando por considerações benvenistiana e saussurianas. Este percurso versa obras como Problemas de Linguística Geral I e II (2005;2006) e o Curso de Linguística Geral (2012) para um alinhamento do conceito de língua. Centralizados na discussão de língua/linguagem/pensamento, nos debruçamos em artigos como: Categorias do pensamento e categorias da língua (1958) e Semiologia da língua (1969), além de outros mais, em observação a atuação isolada entre língua/linguagem em favor à análise do pensamento. Nossa centralidade se problematiza mediante o encontro às teorias vygotkianas, em obras como: A Construção do Pensamento e da Linguagem (2000), especificamente em artigos tais quais: A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (1934) e Linguagem e Pensamento (1934) as quais percebem o desenvolvimento indivíduo/coletivo posicionado na problematização dos tipos de linguagem (egocêntrica/internalizada) e na relação, essencialmente, entre falantes. A mediação teórica também nos remete pensarmos o lugar de sistemas não conversíveis na linguagem, por exemplo, o sistema da música no rol da expressão/comunicação humana.

Palavra-chave: Língua, Linguagem, Pensamento, Signo linguístico.

INTRODUÇÃO

Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) e Émile Benveniste (1902-1976) aparecem como pensadores que, no século 20, mais privilegiaram a dimensão interativa das atividades humanas, de grande alcance para os estudos da enunciação, no caso de Benveniste, e da educação e aprendizagem, no caso de Vygotsky. Suas contribuições a respeito dos estudos da linguagem chamaram a atenção para a dimensão das relações e da ação mediada (VIYGOTSKY, 2000; BENVENISTE, 2006). Os problemas enfrentados pelos dois autores estão ligados, em diferentes medidas, à aspectos relacionados à consciência, à linguagem, à subjetividade, à intersubjetividade, à língua e à verbalização do pensamento. A investigação de tais elementos concebe-nos observar um lugar comum entre os teóricos, local de operação/visualização da linguagem à luz das interações sociais. Isso os coloca em dianteira das perscrutações, estando Benveniste para a língua/enunciação e a aprendizagem/aquisição para construção do conhecimento em Vygotsky.

¹ Mestrando em Linguística pelo PROGEL/UFRPE; e-mail: richiealves@hotmail.com

Considerando em cada um deles tempo/espço, suas contribuições foram “acometidas” pelo marco cientificista na linguística saussuriana século XX. Benveniste e Vygotsky foram hábeis em apreender o rudimento da natureza comunicativa em seus primitivos sistemas à luz da experiência humana, além de, essencialmente, ambos perceberem a linguagem como componente natural do homem, fundamental para o discernimento e renovação da realidade. No arcabouço de seus estudos, em Benveniste, destacamos o pensamento, organizado pela língua, constrói o seu lugar facultado pela linguagem: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). *Pari passu* que em Vygotsky (2000) os conhecimentos e habilidades sociais sofrem progressivamente a atuação da linguagem. A presença da linguagem, a certa forma, garante ao sujeito a inteligência/desenvolvimento tanto do próprio sistema de linguagem quanto da problematização do processo de interação. Idealizados nesse engendramento teórico-metodológico de ambos, cogitam-se, em face do sistema linguagem/língua, entendimentos reais de existência do homem, como a ação de instituir o outro enquanto institui a si mesmo. Nesta perspectiva, a linguagem faculta a razão concebida pela língua, fundamentando o signo linguístico e a significação, isto é, dando um norte ao que pode ser dito no tocante às posições enunciativas (locutor/ouvinte). Tanto o sistema da linguagem quanto o sistema da língua, são imprescindíveis para conveniência subjetiva e intersubjetiva das concepções culturais, estejam elas espalhadas no rol dos estudos científicos ou em quaisquer outras áreas empíricas da experiência humana. Nosso levantamento inscreve a tentativa de conduzir a apreensão da grandeza dialógica entre o conceito de língua/linguagem/pensamento presumida na ação comunicativa, em Benveniste, e o processo de formação da linguagem/pensamentos em Vygotsky.

O diálogo em questão, nos fará observar à relação língua/pensamento, que submetidos à constância da subjetividade/intersubjetividade, esclarecerão a inteligência/experiência do sujeito. Envolveremos nesse percurso, a partir de uma perspectiva benvenistiana, artigos, como: “Categorias de pensamento e categorias de língua” (1958) e “Semiologia da língua” (1969) os quais, possivelmente, trarão elementos axiais para o processo em questão. A presença destes artigos, que de certo modo, unidos à presença teórica saussuriana, equacionam-se à concepção de “pensamento” vygotskiano, ao ponto que este se debruça sobre o desenvolvimento da linguagem, aquisição e interação, distribuídos em artigos como: “Pensamento e Palavra” (1934) e “A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores” (1934).

O OBJETO LINGUÍSTICO

Língua e linguagem são especificamente conceitos fundadores da Linguística, visto em face da obra “Curso de linguística geral”, por Fernand Saussure, doravante CLG. Em parte, cada conceito traz um arcabouço teórico infundável. No tocante ao nosso interesse sobre este artigo, a problemática do pensamento juntamente ao engendramento teórico dos sistemas língua/linguagem, ao passo que suscita a especificidade do pensamento linguístico, abre portas interdisciplinares para diálogos e investigações nas mais diversas áreas do conhecimento. O olhar particular a cada uma delas (*langue* e *langage*) revela o objetivo extraordinário dessa sessão, que é ver no valor particular de cada destes sistemas o grau de contribuição à teoria do pensamento em detrimento da *parole*. Não nos concentraremos nessa última, muito embora não devamos esquecer que a mesma está implicada nos estudos linguísticos. A fala é um ato individual, voluntário e intelectual, em face disto convém distinguir que: “1º) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essa combinação” (SAUSSURE, 2012, p. 45). No centro de nossas observações está o objeto da linguística, a *langue*. Definido em duas faces, este objeto possui caráter “integral”, por traçar seu desempenho por meio de “forças em jogo, de modo perene e universal em todas as línguas” (SAUSSURE, 2012, p. 36), e “concreto”, por ter seu andamento regido por imposições de referência internas ao seu próprio sistema, além de observar que: do ponto de vista do linguista que é gerado o verdadeiro objeto.

Na visão saussuriana de língua como sistema de signos, a língua se distingue da linguagem, pois é una e homogênea, “não constitui uma função do falante: é produto que ele registra passivamente (SAUSSURE, 2012, p. 46). A difusão teórica das particularidades dos sistemas em destaque, revela, a certa forma, o problema de “certas” soluções sujeitas à sinonímia. A linguagem apresenta uma postura multiforme e heteróclita. Ela é passível de ser estudada por diversas ciências por pertencer ao domínio individual e coletivo (faces indissociáveis). Por ser cavaleiro de muitos domínios, a linguagem possui lugar de destaque no vértice pensamento/língua. No olhar vygotskiano, ela marca, sobretudo, o desenvolvimento do homem que é continuamente processado, da linguagem egocêntrica à internalizada, conceitos que protagonizam nossas discussões. A performance natural da linguagem constitui-se em uma constante atualização de produtos adquiridos no instante de aquisição, isto é uma atualização do passado. Por sua vez, a língua, objeto linguístico, é um todo por si, além de princípio de classificação. Tem *primo* destaque nos feitos da linguagem, concebe instituição em tempo que

institui algo adquirido e convencional, os signos linguísticos. Ela oferece “convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade [linguagem] nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41, GRIFO NOSSO).

LÍNGUA/LINGUAGEM SOB A PERSPECTIVA SAUSSURIANA

A partir da problematização do objeto da linguística, Saussure (2012) distingue, a certa maneira, o que é social (língua) e o que é individual (fala). A *langue* (*essencial*), materializa-se na (*parole*) um acessório da expressão, expressão esta que é inteiramente ligada ao local do pensamento. Importa-nos assinalar que é para o sistema da linguagem o qual possui no vértice uma dupla atenção (social/individual) que a língua evoca suas diferenças, seu “valor”, conceito basilar da linguística. Este valor possui definição em dois fatores: primeiro, enquanto “dessemelhante” o signo linguístico, determinado em um concurso além dele mesmo, no trâmite da expressão, será suscetível à troca, e segundo, enquanto “semelhante” será sujeito à comparação a outro equivalente (SAUSSURE, 2012, p. 162). A linguagem, a serviço do pensamento, confronta-se à luz das diferenças emanadas da língua, que a este ponto define-se puramente em conteúdo e expressão. A diferenciação (língua/linguagem) fomenta a potencialização dos atributos particulares a cada um dos conceitos, como as propriedades da cognição, por meio da relação linguagem/língua, no tocante à interpretação de sistemas semióticos do mundo natural. Ele assinala:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2012, p.41).

Não é possível construir quaisquer conceitos científicos transversos à linguagem, sem que se tangencie a língua. No pensamento linguístico, a língua detém no objeto facultado o valor e a diferença, enquanto que na linguagem (local da natureza do homem) acha-se o processamento, em particular à mente, do possível, do aprendido, do convencionalizado pela língua. Prioristicamente, na seção IV, intitulada “a língua como pensamento organizado na matéria fônica” do CLG, Saussure (2012) assegura que o pensamento, enquanto afastado do sistema da língua, define-se apenas com um espaço vazio, que ele mesmo intitula de “massa amorfa e

indistinta. Em juízo disto, é da língua que emana a distinção e a ordenação do pensamento. Ela (a língua) entremeia a ação da linguagem, na condição de interpretante envolvendo pensamento e som, em condições que, em face da união, delimitam reciprocamente as unidades linguísticas. O detalhe definidor encontra-se no instante em que compreendemos a estrutura da língua como uma folha de papel, cujo o pensamento é o anverso e som o verso, conceitos interdependentes e indissociáveis (SAUSSURE, 2012). Como se precisa a língua? “Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (...) “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la” (SAUSSURE, 2012, p. 46). E quanto à linguagem? “repousa numa faculdade que nos é dada pela natureza” (SAUSSURE, 2012, p. 41). A linguagem concebe ao sujeito o que pela língua pode ser dito: enquanto fenômeno, ela define-se por ser uma particularidade da comunidade, e uma propriedade do indivíduo que a tem como elemento *sui generis* preparado pela natureza.

LÍNGUA/LINGUAGEM-PENSAMENTO SOB PERSPECTIVA BENVENISTIANA

No artigo “Categorias do pensamento e categorias da língua”, Benveniste (1958) procura focalizar a associação língua-pensamento em uma perspectiva moldada à particularidade de cada um deles, confluindo para a relação entre ambos enquanto intersecção. Em trilhas saussurianas, Benveniste reforça a ideia de que é da língua a função de ordenar o pensamento. Admite que a língua ordena através de combinações de signo, os quais caracterizam-se tecnicamente por “distintos e distintivos” em tempo que são passíveis entre si de decomposição em graus relativamente menores, ou em agregações complexas (BENVENISTE, 2005, p. 68). Essa ação consolida-se ao passo que, no instante em que agrega morfemas de determinadas categorias delimitados cada um a seu tempo, a língua estrutura o pensamento por ela mesma, concebendo “forma” à “obscura volição”, pensamento desprovido da presença da língua, distinguindo do termo “massa amorfa” utilizado por Saussure.

Sobre a necessidade da língua para expressão e pensamento, Benveniste explica que:

[a língua] dá a sua *forma* ao conteúdo do pensamento. Para tornar-se transmissível, esse conteúdo deve passar e ser distribuído (...) esse conteúdo deve passar pela língua e tomar-lhe os quadros. De outro modo o pensamento se reduz, senão a nada (...) A forma linguística é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade, mas primeiro a condição de realização do pensamento. (...) Fora isso, não há senão obscura volição, pensamento que se descarrega em gestos, mímica. (BENVENISTE, 2005, p.69).

Enquanto que em Saussure (2012), por moldes gerais, a língua é vista como um sistema que serve de “intermediário” entre o pensamento e o som, em Benveniste (2005), a língua serve de delimitador entre pensamento e verbalização, o pensamento adquire formato da língua e na língua, tornando-se único meio de expressão sem dissociá-la ou transcendê-la. Sem intenções tautológicas, permanece no ideal benvenistiano à visão saussuriana da língua como ordenadora de expressão do pensamento. Ele acrescenta/amplia em elucidação junto à tábua de categorias de Aristóteles à comprovação da concepção de pensamento organizado pela língua. Uma vez que “A língua fornece a configuração fundamental das propriedades reconhecidas pelo espírito [linguagem] (...) É o que se pode dizer que delimita e organiza o que se pode pensar” (BENVENISTE, 2005, p.69), o que corrobora, através da estrutura de classes, observar a particularidade/identidade das línguas. Para Benveniste, a presença da linguagem no falante permite a intelecção dos sistemas interpretados pela língua. A linguagem o prepara, no tocante ao pensamento, a seu caráter particular, a sua diversidade de sua formação, a sua complexidade ou até mesmo a sua postura abstrata.

O DESLOCAMENTO DO CONCEITO LÍNGUA/LINGUAGEM-PENSAMENTO BENVENISTEANO

Importante destacar nesta seção que, seguindo o mestre genebrino, Benveniste manipula, a priori, as duas definições de forma (*langue – langage*), por vezes, dissemelhantes em períodos vários. Termos teóricos os quais Benveniste toma para si mediante empréstimos em Saussure, estes se inscrevem/estabilizam ao longo de sua perspectiva recuperados, grafados textualmente ou *ipsis litteris*. Por exemplo, é no artigo “Categorias de pensamento e categorias de língua”, do “Problemas de linguística Geral I” que, possivelmente, a diferenciação entre os termos se põe mais clara. Enquanto que Saussure pontua que o complexo da língua se configura “como uma série de subdivisões contíguas, marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das ideias confusas (A) e sobre o plano não menos indeterminado dos sons (B)” (SAUSSURE, 2004, p. 159), Benveniste admite que a língua se configura em uma conjuntura total de si mesma, com uma “combinação dos “signos” distintos e distintivos, suscetíveis, eles próprios, de decompor-se em unidades inferiores ou de agrupar-se em unidades complexas” (BENVENISTE, 2005, p.69). Somente por meio deste sistema é possível a transmissão do pensamento, sendo internamente dotado de morfemas de certas classes, estruturados em uma determinada norma etc. Em uma visão mais abrangente, Benveniste procura, neste artigo, tratar,

categoricamente, da relação língua/pensamento para, a partir deste processo, esmiuçar a inter-relação de ambos.

A propriedade/organização da língua para com o pensamento perfilada no texto é de que somente ela (a língua) se estabelece como mediadora entre pensamento e expressão. O testemunho de mediação acentua-se em dois pontos, na ausência que percebe que fora língua: “não temos senão uma consciência fraca e fugidia das operações que efetuamos na fala”. E na presença (da língua) garantindo que: “por mais abstratas ou particulares que sejam as operações do pensamento, recebem expressão na língua” (BENVENISTE, 2005, p. 68). Este artigo, assim como outros na teoria benvenistiana, passa por um tipo de hierarquização de conceitos que parecem a primeiro olhar um simples ato sinonímico. O objeto “língua” em suas esteiras teóricas sofre, por vezes, desta adaptação vocabular no interesse de precisão. Este deslocamento imputado ao termo “língua”, possivelmente, atinge textos como, por exemplo, o de 1969 “Semiologia da língua”, já na obra “Problemas de Linguística Geral II”. Em síntese, esse artigo percebe o caráter comum entre os sistemas semióticos, o critério de ligação entre eles o que implica a significância estruturada no signo. O que leva a língua a ser o sistema único interpretante desses signos. Em brevíssima relação comparativa, aparenta-nos que há maior explicitação a respeito do conceito língua-linguagem em 1969, em semiologia da língua que em 1958, em Categorias de pensamento e categorias de língua. Esta provável modificação evidenciada entre os textos, estima consentir uma reflexão sobre a postura da língua no fronte da mediação única.

A terminologia entre os textos é um espaço para discussões significativas, possui potencial para agregar-se a outras eclosões implicadas à linguagem, no instante que propõe a formulação do pensamento. Uma dessas atualizações/deslocamento da propriedade da língua encontra-se no próprio artigo semiologia da língua (1969). Antes de tudo, vale destacar que nascimento da semiologia foi preconizado por Saussure, cujo o signo estendido em certas ordens de fatos humanos e sociais era, primeiramente, uma noção linguística. O domínio do signo nos meios sociais não somente se limita à língua, mas também à sistemas semióticos homólogos a ela. De volta a Benveniste, no artigo de 1969, ele investiga o lugar, o preenchimento da língua no que chama de sistemas semióticos ou sistemas semiológicos. A investigação elenca, em meados da segunda parte, uma discussão a respeito de um exemplo de sistema semiótico inconversível ao sistema língua, o da música. A não-conversibilidade de sistemas de bases diferentes, como o supracitado, traz mais do que razão a “não-redundância” na dimensão dos sistemas, enfatiza não ser somente a língua única no meio de expressão, visto que a expressão do pensamento

sobre a música facultado pela linguagem abre sobre o sistema um espaço particular. Em face do recorte localizado ao final do texto de 1958:

O voo do pensamento liga-se muito mais estreitamente às capacidades dos homens, às condições gerais da cultura, à organização da sociedade que à natureza particular da língua. A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade da linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua. (BENVENISTE, 2005, p. 80).

Destacando termos da citação: “O voo do pensamento”, “possibilidade” e “capacidade dos homens”, e os imbricando ao sistema de música considerada, por Benveniste, uma língua de sintaxe particular e não-semiótica, idealizamos no universo marcado língua/linguagem que: os recortes implicam na capacidade de entendimento do homem às línguas, pela presença da linguagem, que por sua vez, permite, por sua característica virtual, ser o pensamento local de forma e expressão destas línguas. Pois é pela linguagem que a ação de pensar pressupõe o ato de manusear os símbolos das línguas que o homem possui. A linguagem no protagonismo da expressão do pensamento revela em Vygotsky (2000) a relevância da língua para com o desenvolvimento do pensamento por viés da linguagem egocêntrica. Esta fase da linguagem surge em meio ao estágio de maturação do sujeito, e transmuta-se a fins potenciais para outra forma específica de linguagem (a internalizada). O entendimento do sistema musical, considerando sua sintaxe combinatória adjunta à harmonia, o contraponto, a seletividade e a recorrência específica podem nos conceber razão em ver a música como um sistema de expressão homólogo à língua.

LINGUAGEM-PENSAMENTO SOB A PERSPECTIVA VYGOTSKIANA

No artigo “Pensamento e Palavra”, da obra “A construção do pensamento e da linguagem” (2000), o psicólogo russo persegue com intuito elucidativo a relação interior entre o pensamento e os signos² linguísticos interpretados pela língua nas primícias do desenvolvimento filogenético e ontogenético. O estágio pré-intelectual do sujeito distingue-se definitivamente do intelectualizado (socializado) pela ausência de termos funcionais e estruturais concebidos pela

² A fim de adaptação teórica, adaptamos o vocábulo de “palavra” para “signo”. A manipulação do termo nos leva a regiões bem mais amplas, a intrínseca estrutura da língua abordada por Benveniste (2006), por exemplo. Este signo consolida-se na natureza da representação, pondo-se no local do objeto, a título de substituto, executa a representação estruturado em: referente, significante e significado.

língua. O papel da língua no pilar conceitual vygotskiano (linguagem-pensamento-interação) é conceber o homem, ou seja, é configurar uma manifestação contínua de desenvolvimento e maturação no sujeito tanto individual quanto social. O sujeito passa a desenvolver-se a partir do período pré-histórico à existência do pensamento e da linguagem, ambos não revelam relação alguma, ou estabelecem dependências entre as raízes genéticas do pensamento/signo linguístico. A linguagem gera o desenvolvimento do pensamento, ao passo que é estruturado pelos signos tomando a partir disso sua forma. Na condição de fatores cognitivos, linguagem e pensamento “surgem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência humana, sendo, ela própria, um produto e não uma premissa da formação do homem” (VYGOTSKY, 2000, p. 395).

Em face da citação, a palavra “processo” insere o entendimento de temporalidade demarcada, e como tal ela (a temporalidade) concebe um início à determinada formação. Segundo Vygotsky (2000), a partir da observação dos antropóides, é puramente possível haver na formação do sujeito um plano pré-intelectual, ausente da língua, tão logo de pensamento. A partir da presença da língua a organização da linguagem, o pensamento movimenta-se e amplifica-se no seio do próprio processo de otimização dos signos. Esta otimização, responsável pelo pensamento intelectualizado, está na compreensão da unidade simples, que é o signo estado primitivo/generalizado (indecomponível), e que possui propriedades intrínsecas do pensamento discursivo. Vygotsky segue no interesse de que o período discursivo, que é a unidade complexa do pensamento discursivo (decomponível), obtém seu fundamento/particularidade/valor nas diferenças em comparação às várias unidades complexas existentes no pensamento, o que dialoga junto à teórica saussuriana, “O valor linguístico”. Nestas condições, o significado³, segundo Vygotsky, é ao mesmo tempo fenômeno do discurso e intelectual, não acusa ser propriedade de direito exclusivo nem da linguagem nem do pensamento, mas um produto da inter-relação de ambos. Tecnicamente, o significado do signo linguístico adquire caráter fenomenal à medida que o pensamento liga-se ao signo, e assim materializado, e vice-versa, pois: “é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. E um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento” (VYGOTSKY, 2000, p. 398).

³ Pela perspectiva vygotskiana (2000), “significado” define-se “senão por generalização ou conceito”. Em outras palavras, “generalização” e “significado” composto ao signo são sinônimos. Deve-se destacar que generalização ou formação de conceito é considerado ato plenamente específico, autêntico e incontestável de pensamento.

O significado dado ao signo, considerado por Vygotsky (2000) como unidade do pensamento discursivo, é a principal chave do desenvolvimento discursivo, a partir dele que se observa o desenvolvimento do signo no pensamento e na linguagem. A presença da língua não somente organiza o pensamento, origina e desenvolve o pensamento discursivo, mas racionaliza a relação linguagem/pensamento. Sobre isto, idealizamo-nos, visto pela preocupação saussuriana, a dizer que ela (a língua) é o princípio de unidade que domina a multiplicidade de aspectos os quais aparecem no pensamento discursivo, e por este princípio se pode classificar os fatos da linguagem entre os fatos humanos. O vínculo associativo, que une o signo linguístico a uma de suas partes “o significado”, instaurado no pensamento, constitui o fundamento psicológico do discurso consciente no sujeito. Passando para o desenvolvimento, o signo linguístico evoca no pensamento o significado de algo, que por sua vez o envolve a outros significados. O significado do signo linguístico, uma vez estruturado no pensamento, não cessa em desenvolver-se, ou sofrer modificações. As associações que vinculam o signo ao significado podem, no pensamento discursivo, ser reforçadas ou enfraquecidas. Reforçadas, quando submetem-se a uma série de vínculos com outros signos do mesmo sistema semiótico, os quais tendem pela mesma aparência ou contiguidade. A inter-relação signo e significado no pensamento pode, a desenvolvimento intelectual e discursivo do sujeito, restringir-se somente a seu círculo, ou estender-se a um círculo mais amplo de significações. Compromete-nos dizer que, no pensamento discursivo signo/significado estão passíveis a sofrer uma série de alterações quantitativas sob a natureza dos fatos sociais, no entanto estas alterações não mudam a sua natureza psicológica interior. A menor mudança de natureza psicológica acarretaria alteração imediata da relação signo/significado.

LINGUAGEM INTERNALIZADA

Este estágio do pensamento recebe intermediação imediata da língua, em tempo que possui o significado como unidade do pensamento. Destaca-se que, em meio à organização da língua, a experiência linguística do sujeito está imersa em um processo de associação entre a forma sonora do signo linguístico e o significado primitivo, para tal entendimento Vygotsky apoia-se na Semasiologia⁴. O entendimento da linguagem consiste numa cadeia de associações, que emanam na mente sob a influência das imagens semióticas dos signos. (VYGOTSKY, 2000). A relação entre o pensamento internalizado e o signo linguístico é, a priori, executada via

⁴ Linguística dedicada aos estudos semânticos. Esta ciência consiste da exploração do signo linguístico para a determinação de seu conceito.

processo e se inscreve/atualiza em um movimento mútuo à luz da análise psicológica do sujeito. Por sua vez, este tipo de análise, efetuada pelo pensamento, se consolida sobre a diferenciação de dois planos, ambos localizados em um segundo plano, no interior da linguagem, exatamente por trás do signo linguístico, o que por considerações gerais, faz desaguar em uma gramática do pensamento. A autonomia deste tipo de gramática, junto à sintaxe dos significados verbais, empreende, no mais simples enunciado discursivo, não uma relação estática e constante, dada de uma vez por todas entre os aspectos semântico e sonoro da linguagem, mas um movimento composto da transição da sintaxe dos significados para a sintaxe do signo linguístico. Vale lembrar que, ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. Materializado através dos signos e processado pela linguagem, o pensamento desenvolve-se em face do aspecto semântico e sonoro no seio da língua, partindo de lugares opostos, nesta perspectiva eles constituem a autêntica unidade justamente por força do seu sentido oposto.

A transformação da gramática do pensamento em gramática dos signos está marcada na modificação da estrutura semântica com a sua materialização dos signos em contexto discursivo. Detalhe, na não-coincidência, entre a sintaxe da semântica e a estrutura do signo, dará lugar no pensamento a uma pressuposição de transição de significado, dado que subsiste um movimento correspondente entre ambos no enunciado discursivo. A linguagem internalizada tem função diferenciada da linguagem verbal enquanto socializada, mas não integralmente, a linguagem internalizada transforma-se apenas em situação que torne possível à linguagem verbalizada, ou seja, na interação entre sujeitos. Em linhas gerais, a linguagem egocêntrica é a ponte que leva da linguagem internalizada (socializada) à verbalizada (materializada). Assim, nos aspectos subjetivos e objetivos a linguagem internalizada dominada pela sintaxe da língua, torna-se uma forma mista e transitória em relação a si mesma e à linguagem social. É neste local que reside a lei básica do desenvolvimento da linguagem interior, sendo linguagem para si “torna-se interior mais por sua função e por sua estrutura, ou seja, mais por sua natureza psicológica que pelas formas externas de sua manifestação” (VYGOTSKY, 2000, p. 444).

CONCLUSÕES FINAIS

Neste artigo, entendemos haver, na relação de alteridade da língua e interação entre sujeitos, um engendramento/aprimoramento, a certa maneira, em benefício dos estudo da linguagem/pensamento. Em Benveniste, a linguagem faculta e a língua determina o que pode ser dito. A partir da subjetividade do falante linear a Benveniste, Vygotsky traça um percurso

através do conceito de linguagem internalizada emana da linguagem egocêntrica localizada no processo dos estágios primários do desenvolvimento em fortalecimento à teoria de formação do pensamento. Pudemos externar, sob a relação teórica, um olhar mais profundo entre linguagem/língua/pensamento, além do significado em conjuntura ao signo linguístico, percebendo o lugar e o relevo da linguagem como um sistema autônomo e interdependente à língua, assim como das implicações da inter-relação. Levantou-se também uma análise sobre o quanto se constata da língua na transformação entre as linguagens egocêntrica/internalizada.

Mediante estes brevíssimos construtos, os quais por este artigo não se esgotam, lançamo-nos em um enigma: estaria o sistema semiótico, como o da música, não-conversível aos signos da língua, e exclusivo em sua própria sintaxe, como visto em Benveniste (2005), apto a materializar-se no pensamento humano como um tipo linguagem específica, e internalizada dentro de seu domínio de validade levá-lo à expressão? Estaria a música em uma fissura, localizada entre pensamento e língua, evoluído como a linguagem interior, organizada em um plano diverso, como visto em Vygotsky (2000), ao da linguagem verbalizada? Esta problemática conflui a pensarmos em espaços extraordinários os quais habitam expressões apartadas da língua, uma fenda na escura volição.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Cleomar. **Linguagem e mediação: implicações na formação do sujeito**. In: ANDRADE, Márcia Siqueira de; BARONE, Leda Maria Codeço. (Orgs.). **Aprendizagem Contextualizada**. (p. 41 - 56), Casa do Psicólogo, São Paulo, 2012.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix. 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix. 2002.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, Liev Semiónovitch. **Pensamento e Palavra**. Tradução Paulo Bezerra São Paulo in: VIGOTSKY, Liev Semiónovitch. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 395-486.